

# A CONSTRUÇÃO SOCIOCRIATIVA DO VOCABULÁRIO PANDÊMICO: AMOSTRAS DE UMA PERSPECTIVA NÃO REPRESENTACIONAL

Camila Maria dos Santos Silva<sup>1</sup>  
Jariza Augusto Rodrigues<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir da visão de língua atrelada às práticas socioculturais, essencialmente sujeita à criatividade dos usuários e elemento inseparável do nosso viver, objetivamos analisar o caráter não representacional da língua(gem) tendo como base as palavras “máscara e “rebanho”, que têm feito parte do cotidiano pandêmico. Para isso, partimos das reflexões feitas por Marcuschi (2000 e 2007), Mondada e Dubois (2003) e Martins (2000), e com base no conceito de texto como evento (BEAUGRANDE, 1997). Buscamos discutir a relação entre as recategorizações dessas palavras e as motivações históricas, sociais, políticas e culturais decorrentes do contexto de pandemia de Covid-19. Com a análise, mostramos que tal construção é fruto de nossa ação intersubjetiva no mundo, através dos jogos de linguagem, e que, por isso, o dicionário não consegue dar conta de todas as possibilidades de significados.

**Palavras-Chave:** Texto como evento. Visão não representacional. Recategorização. Vocabulário pandêmico

## THE SOCIO-CREATIVE CONSTRUCTION OF THE PANDEMIC VOCABULARY: SAMPLES FROM A NON-REPRESENTATIONAL PERSPECTIVE

**Abstract:** From the view of language linked to sociocultural practices, essentially subject to the creativity of users and an inseparable element of our living, we aim to analyze the non-representational character of language (gem) based on the words “mask and “herd”, which have made part of everyday pandemic. For this, we start from the reflections made by Marcuschi (2000 and 2007), Mondada and Dubois (2003) and Martins (2000), and based on the concept of text as event (BEAUGRADE, 1997). We seek to discuss the relationship between the recategorizations of these words and the historical, social, political and cultural motivations arising from the context of the Covid-19 pandemic. With the analysis, we show that such construction is the result of our intersubjective action in the world, through language games, and that, therefore, the dictionary cannot account for all the possibilities of meanings.

**Keywords:** Text as event. Non-representational view. Recategorization. Pandemic vocabulary

1 Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0543-2473> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5683693835425807>. E-mail: [profacamilasantos@gmail.com](mailto:profacamilasantos@gmail.com)

2 Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6770-9223>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8915792701976171>. E-mail: [jariza.rodrigues@aluno.uece.br](mailto:jariza.rodrigues@aluno.uece.br)

## Considerações iniciais

Recentemente<sup>3</sup>, os consumidores de conteúdo digital foram surpreendidos com um vocábulo novo, que inspira os atuais produtores de conteúdos nas redes sociais, a palavra *cringe*. A palavra inglesa pode ser traduzida<sup>4</sup> para a língua portuguesa como “vergonhoso(a)”, mas tem sido usada de forma muito criativa para caracterizar toda uma geração de pessoas nascidas entre as décadas de 80 e 90, as quais sempre são comparadas, com relação a hábitos e costumes, à atual geração. Há quem simpatize com a brincadeira, mas nosso propósito ao tratar sobre isso aqui é chamar a atenção para o uso criativo das palavras e para o quanto isso está relacionado à cultura, à história, à política... enfim, às vivências de um povo.

A tradução da palavra *cringe* não garante a compreensão no contexto ao qual nos referimos, ou seja, os dicionários de línguas estrangeiras ou maternas, físicos ou virtuais, muitas vezes, não conseguem abraçar todas as situações de uso das palavras. E é exatamente essa propriedade criativa da língua e da linguagem, sempre sujeita a usuários ativos na produção e compreensão de sentidos, que faz dos verbetes – gêneros que conseguem apenas um enquadramento, um recorte das ocorrências lexicais – uma amostra dos significados que uma palavra pode assumir. A consciência desse processo ativo e criativo do uso e da produção de linguagem nos remete a uma visão biológica dela, explicada por Maturana e Varela (1995, p. 252) quando afirmam “somos na linguagem”, e nos dirige à consciência de que esse processo é biológico, cognitivo, social, histórico, político e cultural.

A partir da visão de língua atrelada às práticas socioculturais, essencialmente sujeita à criatividade

3 Para situar o leitor no tempo a que estamos nos referindo ao usar esse advérbio, é interessante explicitar que tratamos de junho/julho de 2021.

4 Tradução realizada a partir da ferramenta Google Tradutor.

de seus usuários e elemento inseparável do nosso viver, objetivamos com este ensaio analisar o caráter não representacional da língua(gem) em palavras que têm feito parte de nosso cotidiano pandêmico a partir de reflexões feitas, principalmente, por Martins (2000), Marcuschi (2000 e 2007) e Mondada e Dubois (2003) e com base no conceito de texto como evento preconizado por Beaugrande (1997).

De forma mais específica, buscamos discutir a respeito das recategorizações de algumas palavras e das motivações históricas, sociais, políticas e culturais decorrentes do contexto de pandemia de Covid-19 pelo qual passamos. Para isso, elegemos como *corpus* duas tirinhas de Armandinho, cujas palavras analisadas são “máscara” e “rebanho”, coletadas do perfil do *Instagram* @tirinhadearmandinho e selecionadas conforme objetivos a que nos propomos. É importante ressaltar que, segundo a perspectiva teórica que adotamos, a da sociocognição, as palavras são objetos de análise, mas não podem ser (e não serão neste artigo) entendidas fora do evento textual em que foram usadas.

A seguir, faremos um percurso teórico que visa a estabelecer relação entre os estudos filosóficos do segundo Wittgenstein, a partir do olhar de Martins (2000), e os estudos linguísticos no que diz respeito à referenciação, mais especificamente sobre recategorização. Em seguida, analisamos o *corpus* deste artigo como forma de mostrar como os conceitos discutidos emergem no evento textual.

## Quando a produção criativa de sentidos não se limita a representação de um significado

Wittgenstein, ao nos convidar a repensar o fenômeno linguístico, apresenta-nos uma visão de significado com base no uso da linguagem. Conforme Martins (2000, p. 27), o autor trata da dificuldade de circunscrever os limites do

significado de um nome porque “os vários usos de uma palavra não se organizam de forma estável em torno de um núcleo comum de significado”, visto que a linguagem, como o filósofo defende, não é representacionista, não tem como função essencial nomear coisas. Nosso viver na linguagem (MATURANA E VARELA, 1995) nos desafia a agir com ela e/ou por meio dela, referir é apenas uma ação dentre várias outras.

Por meio das reflexões feitas por Martins (2000, p. 33, grifos da autora) a respeito de *Investigações Filosóficas*, somos levados a entender a linguagem como indissociável das atividades humanas, assim, “compreender uma sentença é, então, dominar uma *práxis*”. A autora aponta o jogo de linguagem que permeia a compreensão de sentenças, o qual está sempre atrelado a uma situação particular de uso da língua, cuja compreensão depende do comportamento dos atores sociais. Para Wittgenstein, viver na linguagem é agir por meio dela e não somente designar ou referenciar. Essa visão wittgensteiniana coaduna-se com o que defende Marcuschi (2007, p. 86, grifo do autor):

A maneira como dizemos aos outros as coisas é muito mais uma decorrência de nossa atuação discursiva *sobre* o mundo e de nossa inserção sócio-cognitiva no mundo pelo uso de nossa imaginação em atividade de ‘integração conceitual’, do que simples fruto de procedimentos formais de categorização linguística. O mundo comunicado é sempre fruto de um agir comunicativo construtivo e imaginativo.

Assim como o filósofo, o linguista rechaça o caráter representacional da linguagem argumentando que o mundo não está pronto para ser nomeado e que a mente não é um armazém de palavras que referenciam e categorizam o mundo. A relação entre linguagem e mundo é muito mais complexa do que supõem os representacionistas e, no meio dela, existem sujeitos não adâmicos – mas sociais, culturais, históricos, inseridos numa determinada comunidade – que constroem

intersubjetivamente versões da realidade por meio da linguagem no contexto de ações discursivas. Com isso, sublinhamos o caráter contingente do significado das palavras, característica que permite o uso criativo da linguagem.

Sobre a criatividade do viver na linguagem, Marcuschi (2000, p. 2) resume que “a linguagem é nossa forma cooperativa de ser, viver e nos apropriamos do mundo e não de representá-lo”. Com isso, o autor corrobora o pensamento wittgensteiniano sobre a construção social, histórica, cultural, política, ou seja, sobre a instabilidade do significado que não é um retrato da realidade (MARCUSCHI, 2007). Logo, como não há um significado dado *a priori*, mas uma construção social dele, só é possível entender o sentido de uma palavra dentro de uma prática discursiva, ideia que caminha de mãos dadas com o conceito de texto como evento, conforme concebeu Beaugrande (1997).

Se o texto, forma pela qual a linguagem se manifesta, por muito tempo foi visto como um produto do pensamento que poderia ser codificado por um emissor e decodificado por um receptor – portanto, um artefato pronto e acabado –, atualmente é entendido como um “*evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais*, e não apenas como uma sequência de palavras que foram ditas ou escritas” (BEAUGRANDE, 1997, p. 34, grifos do autor). Para o teórico, o texto é encarado como algo constituído não exclusivamente pelo material linguístico ou cognitivo, mas pela imbricação de uma gama de fatores, dentre eles, sociais, histórico-culturais e discursivos. Complementando a definição dada, o autor propõe que

[...] a sequência que você realmente ouve ou vê é como a ponta de um iceberg - uma pequena quantidade de matéria e energia em que uma enorme quantidade de informação é “condensada” por um falante ou escritor e está pronta para ser “ampliada” por um ouvinte ou leitor (BEAUGRANDE, 1997, p. 34).

Ver o texto sob essa ótica implica considerar a interdependência de todos os elementos envolvidos na sua produção/interpretação: o aparato linguístico ou de qualquer outra natureza semiótica que materialmente compoñha a superfície textual (sons, imagens, gestos, texturas), o saber partilhado entre os interlocutores, o contexto discursivo e o conhecimento interacional.

Coadunando-se com a proposta de Beaugrande, Salomão (1999, p.71) defende que nenhuma semiose é tão completa de significação a ponto de dispensar as demais; todos os tipos e níveis de semioses estão entrelaçados e, na dinâmica da construção de sentidos, um ou outro tipo se torna mais saliente em função das “necessidades locais da interação humana”. As palavras, por elas mesmas e sozinhas, não são portadoras de significado e o aparato verbal é apenas uma das semioses que podemos encontrar na multiplicidade de textos que circulam na sociedade. As possibilidades de interpretações que subjazem às formas escritas da língua, por exemplo, estão parcialmente inscritas na materialidade. Esta é uma ponta (ou uma pista) que junto aos demais elementos disponíveis permite aos sujeitos negociar e construir significados, agir e expressar suas intenções com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância.

Detendo-nos ainda nas assertivas de Beaugrande (1997) e de Salomão (1999), somos autorizados a entender que o texto é inerentemente incompleto, repleto de espaços em branco que precisam ser preenchidos pelo interlocutor. Este, por sua vez, precisa se valer de suas experiências, de sua bagagem cultural e de suas crenças adquiridas no convívio em sociedade para completar, negociar e produzir intersubjetivamente sentidos. Essa perspectiva de língua(gem) voltada para os usos sociais é fundamental para analisarmos os textos das próximas seções.

Costa (2007) também já percorreu o caminho entre os estudos filosófico da linguagem

e o linguístico para compreender que as palavras não portam sentidos, mas são âncoras que auxiliam em sua (re)construção, a isso acrescentamos que as demais semioses também funcionam assim, não possuem sentido fixo, mas estão sujeitas às emergências do contexto em que estão inseridas e aos leitores, que não são passivos, mas ativos na ação de significar, melhor dizemos coenunciadores. Com isso, entendemos que o sentido das palavras não está pronto e nós, enquanto “usuários” da linguagem apenas fazemos uso de um produto, na verdade, “a linguagem é parte da própria realidade, não apenas uma ferramenta usada para projetar a realidade” (COSTA, 2007, p. 39).

A visão sociocognitivista que vimos defendendo transformou os estudos da referência, fazendo-nos compreender o modo como referenciamos as coisas do mundo como um processo em que vários agentes participam, produzindo e compreendendo textos. Conforme Mondada e Dubois (2003, p. 20),

[...] o problema não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão um sentido ao mundo.

Com isso, nasce o conceito de Referenciação, atividade de (co)construção de objetos de discursos<sup>5</sup>, ou seja, de (re)construção sociocognitiva da realidade. Mondada e Dubois (2003) também endossam a discussão referente à relação entre linguagem e realidade. Em seu artigo sobre a construção dos objetos de discurso, argumentam que as significações dadas a esses objetos não são rígidas ou preestabelecidas, mas elaboradas no curso de nossas atividades, o que corrobora a

5 Ao falar da referenciação, da forma como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas estruturam e dão sentido ao mundo, as autoras introduzem a noção de objetos do discurso, que seriam os referentes emergentes do fluxo discursivo, ou, em suas palavras, “objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo das práticas simbólicas e intersubjetivas” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 35).

noção de instabilidade constitutiva dos referentes. Conforme explicam, “a instabilidade caracteriza o modo normal e rotineiro de entender, descrever, compreender o mundo – e lançar, assim, a desconfiança sobre toda descrição única, universal e atemporal” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 28). Para elas, as variações são importantes porque asseguram uma plasticidade linguística e uma garantia de adequação contextual e adaptativa – o que conversa diretamente com a ideia do processo referencial como atividade criativa.

Desse modo, as categorias pelas quais nos referimos aos objetos do discurso e pelas quais os descrevemos não podem ser consideradas como estanques, conseqüentemente, os sentidos que atribuímos a esses objetos também não. Sempre estamos ressignificando e reconstruindo tais categorias a partir “de operações cognitivas ancoradas nas *práticas sociais*, nas atividades verbais e nas *negociações dentro da interação*” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17, grifos nossos).

Assim como Marcuschi (2000 e 2007), Mondada e Dubois (2003) contribuem para noção não representacional da língua, vista inicialmente aqui sob a ótica de Wittgenstein, a partir da leitura de Martins (2000), já que tratam sobre como as categorias podem ser “decategorizadas”, ou seja, como podem assumir novos efeitos de sentido conforme mudança de contexto.

Na seção subsequente, apresentamos como a discussão teórica feita até aqui pode ser observada no evento textual. Para isso, selecionamos duas tirinhas do personagem Armandinho, pois acreditamos que, por meio da análise desses textos, conseguiremos ilustrar como acontece o processo sociocriativo de (re)construção dos significados de vocábulos.

## **Amostras de uma perspectiva não representacional**

As tirinhas de Armandinho são criadas pelo ilustrador Alexandre Beck e nomeadas assim porque o personagem principal das ilustrações é Armandinho, garoto curioso, engajado nas causas sociais e que tem como animal de estimação um sapo que, em muitas tirinhas, é seu interlocutor. Além do sapo, interagem com Armandinho adultos que são ilustrados apenas com base no campo de visão do menino, por isso algumas vezes aparecem ilustradas as pernas, noutras vezes, o leitor tem acesso somente às falas desses adultos.

Como uma versão mais curta das histórias em quadrinhos, as tirinhas são gêneros que conseguem aliar o humor e a crítica de forma leve e engajada socialmente.

Para analisar o *corpus* escolhido para esse artigo, a princípio, pesquisamos na versão digital do dicionário *Houaiss* o significado das palavras “máscara” e “rebanho”, em seguida, discutimos como, a partir da situação de uso proposta pelo evento textual, elas ganham novas acepções. Para isso, recorremos a conhecimentos sociocognitivamente compartilhados durante o período de pandemia de Covid-19 e assumimos posicionamentos. É importante ressaltarmos que caracterizamos este estudo, conforme Nascimento (2016), quanto à natureza como aplicado, quanto à abordagem como qualitativo e quanto aos objetivos como explicativo.

Para tornar mais clara nossa argumentação em torno da não representação do significado e da construção sociocriativa dos sentidos de uma palavra em um evento textual, apresentamos a seguir o texto 1: uma tirinha do personagem Armandinho que trata sobre o uso de “máscara” no contexto de pandemia de Covid-19. Nosso objetivo é analisar o caráter não representacional da palavra “máscara”, tendo em vista seu conceito prototípico e a (re)construção desse conceito durante o período pandêmico.

## Texto 1:



**Fonte:** BECK, Alexandre. Sem título. 27 jun. 2021. Instagram: @tirinhadeardandinho. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CQoQ1MpiAcx/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CQoQ1MpiAcx/?utm_medium=copy_link). Acesso em: 14 jul. 2021.

Nesse texto, o leitor percebe a presença de dois personagens, ambos estão dentro de um carro com vidros fechados. Um deles é Armandinho, sentado no banco de trás e em cadeira apropriada para transportar crianças, o outro parece ser o motorista do carro, já que o balão de fala parte do banco esquerdo da frente do veículo. No primeiro quadrinho, Armandinho pergunta por que usar máscara mesmo estando dentro do carro, tido como ambiente que afasta risco de contaminação, o adulto responde que esse é um sinal de respeito às vítimas, subentende-se que de Covid-19; para dar o exemplo para as pessoas que os veem e, no último quadrinho, o motorista completa seu pensamento afirmando que esse recurso também os impediria de serem confundidos com negacionistas, ou seja, pessoas que desacreditam na ciência. Por fim, Armandinho responde com uma onomatopeia que indica nojo.

Pesquisamos na versão digital do *Houaiss* – um dos dicionários com maior número de verbetes e considerado um dos mais completos por conter, além dos significados prototípicos, os metaforizados – as acepções da palavra “máscara”. No total, foram elencadas 22, das quais entendemos que a 12<sup>a</sup> é a que mais se aproxima do sentido utilizado no texto 1: “Peça de pano com que médicos, dentistas, enfermeiros etc. cobrem a boca e o nariz para prevenir contágio e infecções”.

É importante lembrar que a máscara sempre foi um recurso de proteção muito usado por profissionais da saúde ou mesmo por pacientes em contexto hospitalar, devido ao fato de este ser um ambiente propício à contaminação por vírus ou bactérias. No entanto, após a pandemia de Covid-19, a máscara passou a ser um indispensável recurso coletivo de prevenção ao contágio pelo vírus causador da doença e um símbolo na luta pelo respeito à vida e à comunidade científica. Por isso, tornou-se também um símbolo político de resistência a um pensamento negacionista disseminado pelo presidente da república do Brasil, Jair Bolsonaro, que, contrariando<sup>6</sup> as orientações de enfrentamento à disseminação do vírus divulgadas pelos principais órgãos de saúde nacional e mundial, não faz uso correto e regular desse instrumento de segurança, promove aglomerações, é contra a vacinação, dentre outros comportamentos reprováveis diante da grave situação sanitária pela qual passamos.

Considerando esse contexto político-social e tendo em vista o evento que o Texto 1 nos proporciona, percebemos que o verbebo do dicionário não contempla a construção sociocognitiva pela qual passou a palavra “máscara”.

<sup>6</sup> A postura do presidente Jair Bolsonaro em relação às medidas de prevenção ao coronavírus foi amplamente noticiada pela mídia nacional. A fim de contextualizar nossas afirmações, sugerimos a leitura do seguinte noticiário <https://glo.bo/34D6yzY>, publicado em 30 de março de 2020.

Diante da indagação de Armandinho, no quadrinho 1, sobre a importância do uso da máscara mesmo em um ambiente convencionalmente seguro (como é o carro), somos surpreendidos, nos dois quadrinhos seguintes, com um propósito de uso do equipamento de proteção individual (EPI) que se distancia de seu significado inicial - de proteção ao vírus - e se aproxima de uma postura social - o respeito às vítimas de Covid-19 e o exemplo positivo de uso de um EPI indispensável - e política - para não ser confundido com negacionista -, já que as pessoas que não usam máscara agem de acordo com o que defende o atual presidente do país e, assim como ele, são contra as orientações científicas e os acordos coletivos de segurança pública, portanto, negam o valor da ciência. É possível observar que Armandinho compreende aquilo que foi explicado por seu interlocutor e também que compartilha dos mesmos princípios, já que, quando o adulto menciona a palavra “negacionista”, o menino expressa som que indica nojo. Esse é um indício de que o menino e seu interlocutor compartilham do mesmo pensamento e de que houve comunicação, ou seja, Armandinho conseguiu compreender o significado da palavra “máscara” dentro do contexto.

É possível compreender que esse jogo de linguagem é construído também pela semiose não verbal. Percebemos que o fato da criança estar sentada no banco de trás do carro e na cadeirinha adequada, conforme regras de trânsito, corrobora para (re)categorização dos personagens como pessoas que têm o hábito de obedecer às regras sociais de segurança e convivência. Assim como o fato do garoto usar máscara mesmo em um ambiente provavelmente mais seguro, como foi evidenciado na ilustração.

Com isso, é possível entender que o verbete não consegue representar, conforme discutido por Martins (2000) sob a visão de Wittgenstein, os significados que foi construído em torno da palavra

“máscara”, a qual só pode ser analisada no Texto 1 tendo em vista as atividades de uso da linguagem. Por isso, é coerente retomar que “aprender o significado de uma expressão linguística seja algo que não se dissocia de aprender a tomar parte nas formas de vida de que ela participa” (MARTINS, 2000, p. 31). O atual contexto político-social de uso dessa palavra não deve ser dissociado de seu significado, principalmente porque essa palavra não tem forma de vida, da qual trata Martins (2000), fora de um contexto de uso, pois ela acontece em um jogo de linguagem, e quem joga com a linguagem age nela. Na tirinha, aquele que podemos identificar como o motorista do carro que transporta o Armandinho assume posicionamentos políticos e sociais ao tratar sobre o uso da máscara.

Por isso, percebemos a forma situada do motorista do carro em relação a sua percepção sobre o conceito de “máscara”. Conforme reflexões de Marcuschi (2000 e 2007) e Mondada e Dubois (2003), essa categoria – máscara – não é uma etiqueta que foi posta em um objeto, portanto, imutável; mas uma construção social, cultural, cognitiva, biológica, histórica e política de uso da linguagem. Assim, devido à mudança no cenário nacional provocada pela pandemia e ao posicionamento negacionista do presidente do Brasil e de seus apoiadores diante disso, essa categoria ganhou um novo sentido, foi recategorizada como um instrumento de luta pela saúde, pela ciência e, principalmente, pela vida, elementos que não se dissociam de uma postura política.

A seguir, veremos mais um exemplo que nos esclarece o quanto a *práxis* pandêmica altera nosso viver na linguagem.

## Texto 2:



**Fonte:** BECK, Alexandre. Sem título. 24 maio. 2021. Instagram: @tirinhadearmandinho. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CPQ8W9IDIPO/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CPQ8W9IDIPO/?utm_medium=copy_link) . Acesso em: 14 jul. 2021.

Seguindo a mesma linha de análise do Texto 1, após a leitura do Texto 2 – o qual traz Armandinho de máscara e de protetor facial, possivelmente em casa, conversando com seu sapo de estimação enquanto observa pessoas na rua, aglomeradas e sem EPI enquanto pedem intervenção –, procuramos o sentido dicionarizado para a palavra “rebanho” na versão digital do dicionário *Houaiss*. Lá, constam sete acepções para a palavra. Observemos o sentido mais prototípico: “grande número de animais da mesma espécie agrupados e controlados pelo homem” e o metafórico: “grupo de pessoas sem vontade própria e facilmente manipuláveis”. Só nos é possível compreender qual o melhor sentido a ser atribuído ao vocábulo considerando a situação discursiva, o evento textual do qual ele faz parte. E, ainda assim, como já vimos argumentando, o dicionário não dá conta de todos os sentidos atribuíveis porque “os significados das palavras – estes só podem ser conhecidos e aprendidos no contexto das atividades humanas em que essas palavras e esses objetos se inserem e das quais não se dissociam” (MARTINS, 2000, p. 31).

Talvez, numa leitura e análise mais apressada, o leitor possa considerar que a segunda acepção, menos prototípica, se adéque à situação comunicativa da tirinha. No entanto, somente considerando o contexto do qual a palavra faz parte

– a saber, a pandemia pelo Covid-19, no Brasil, mais especificamente no primeiro semestre de 2021, período em que a situação sanitária foi a mais grave e crítica no país –, é possível compreender que, muito além de designar *um grupo de pessoas*, “rebanho”, no jogo de linguagem em questão, recategoriza negativamente *o grupo de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro*, de modo a construir propósitos ideológicos e políticos<sup>7</sup>.

Nesta segunda tirinha de Armandinho, o que entra em cena não é apenas compreender a que (ou a quem) “rebanho” se refere. E sim entender que esse léxico, no contexto político, social e pandêmico em que está inserido, foi utilizado não só para nomear, mas para fazer uma associação entre a postura dos apoiadores do presidente Bolsonaro e o comportamento irracional e não reflexivo próprio de um gado no seu coletivo, que segue o fluxo, que caminha seguindo aquele que o rege, sem discernimento, sem reflexão, como sugere a acepção

<sup>7</sup> É importante salientar que a expressão “gado” para se referir aos eleitores de Bolsonaro já vem sendo utilizada desde as eleições presidenciais em 2018. Conforme o “#MUSEUdeMEMES” - projeto de pesquisa em Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração (coLAB), vinculado à Universidade Federal Fluminense - a expressão se originou nas redes sociais como uma forma de ironizar atitudes em defesa do atual presidente da república, tomadas por seus apoiadores. no Twitter, a utilização ocorre na forma de hashtag; já no Facebook, aparece dentro da caixa de comentários de sites de notícias, em postagens que fazem referência ao presidente. Segundo o Google Trends, hashtags com a palavra “gado” têm seu início de pesquisa na primeira semana do ano de 2018, entretanto seu pico ocorreu no dia 30 de junho de 2019, quando ocorreram manifestações a favor do governo.

mais prototípica da palavra no dicionário. Ao fazer essa associação, também entra em cena a crítica às pessoas que assumem essa atitude de rebanho ao acreditarem, sem nenhum questionamento, nas *Fake News* e ao demonstrarem apoio incondicional a qualquer medida adotada pelo Governo.

Sendo assim, o uso de forma criativa do léxico em análise, neste evento textual, faz parte de um jogo que pode ter como objetivo associar e, por meio dessa associação, satirizar, rejeitar uma postura e talvez convencer o “rebanho” (ou pelo menos uma parte dele) a abandonar as práticas negacionistas: fazer aglomerações sem máscara e pedir intervenção para o fim do isolamento rígido num momento histórico em que, como nunca, manter o distanciamento e usar máscara se faz necessário para evitar a propagação do vírus, aliviar o sistema público de saúde e salvar vidas.

É interessante observar que, nos diversos textos que circulam em redes sociais – sobretudo nos três últimos anos, quando as divergências políticas se tornaram mais acirradas, havendo uma polarização entre eleitores de direita e esquerda –, a acepção mais recorrente do léxico “rebanho” e do seu sinônimo “gado” é a utilizada para denominar eleitores, apoiadores e simpatizantes do atual governo. Tal recorrência é resultado de atividades de construção do conhecimento emergentes das práticas públicas. Inclusive, essa analogia feita com os entusiastas de Bolsonaro foi utilizada e reforçada pelo próprio filho do presidente, o vereador Carlos Bolsonaro, numa postagem na sua conta do *Twitter*, em setembro de 2019: “Obrigado pela confiança no Presidente, ‘gado!’”<sup>8</sup>. Isso só mostra que “não temos protótipos categoriais rígidos, já que as categorias são culturalmente sensíveis e a prototipicidade é muito mais um efeito do que um universal metafísico [...] com propriedades necessárias e suficientes” (MARCUSCHI, 2007, p. 67). A produção de categorias é, pois, uma

<sup>8</sup> Link de acesso ao Tweet: <https://bit.ly/3JvjPtU>

atividade sociocognitiva, situada em contextos culturais específicos.

Como vimos apresentando, é possível construir sentidos, categorizar e recategorizar objetos de discurso porque o texto é bem mais do que um agrupamento de palavras. Como já apontava Beaugrande (1997), a materialidade linguística é a famosa “ponta do iceberg”. O que está submerso, o que não se vê, são os outros elementos constitutivos do texto. O aparato verbal (e verbo-visual no caso da tirinha) funciona como pista orientadora a partir da qual o leitor vai acessando conhecimentos prévios, formulando hipóteses e preenchendo lacunas. Por isso é possível compreender enunciados em que o sentido não está totalmente explícito (como acontece, por exemplo, no Texto 2), mas pode ser recuperado, negociado e produzido por meio de processos inferenciais.

E por falar em inferenciação, na segunda tirinha, não há uma referência direta a quem está aglomerado. Tampouco é especificado qual tipo de intervenção está sendo pedida. Em nenhum momento foi falado de pandemia, de Covid-19 ou de Bolsonaro e seus seguidores. Todavia, graças: a) à semiose imagética (Armandinho está do lado de dentro de um lugar que supomos ser sua casa, de máscara e de *face shield*, ações de proteção recorrentemente adotadas por pessoas conscientes dos riscos da infecção pelo coronavírus) e b) à atividade sociocognitiva situada no contexto cultural, político e histórico aqui já especificados, somos capazes de inferir que o texto:

- a) remete ao contexto pandêmico e aos apoiadores do presidente que, incitados por ele, frequentemente promovem aglomerações sem o cuidado de usar EPIs;
- b) faz referência às manifestações que pediam o fim do isolamento social;
- c) critica os negacionistas que, mesmo

diante do quadro de centenas de milhares de mortos em decorrência da Covid-19, insistem em negar os efeitos da pandemia e a eficácia da vacina como se estivessem “imunes”.

Feita esta análise, podemos, então, concordar com Marcuschi (2007, p. 68) quando, sobre a produção intersubjetiva do conhecimento interpretativo, assevera que “nossas versões de mundo são sempre construídas, provisórias, praxeológicas e não devem ser tomadas como formas naturais de dizer uma suposta realidade discretizada.”. Afinal, essas versões do mundo se modificam, alteram-se e reconstróem-se no fluxo da vida, a partir do nosso (inter)agir e viver na linguagem - esta dinâmica, histórica, social, cultural e política.

## Considerações Finais

Como tentamos argumentar neste trabalho, embasados em teóricos que se debruçaram sobre o estudo da linguagem, como Martins (2000), Marcuschi (2000 e 2007) e Mondada e Dubois (2013), a língua não tem uma relação biunívoca com a realidade, não é transparente, designativa e representacionista. E a mente não é um armazém pronto para etiquetar as coisas do mundo. A língua é dinâmica e social, ela só se realiza no uso de sujeitos cognoscitivos, históricos e culturais que não estão sozinhos, mas que criam intersubjetivamente realidades e significações. Sendo assim,

[...] a referenciação é uma atividade criativa e não um simples ato de designação. [...] A língua em si mesma não providencia a determinação semântica para as palavras e as palavras isoladas também não nos dão sua dimensão semântica, somente uma rede lexical situada num sistema sócio-interativo permite a produção de sentidos (MARCUSCHI, 2007, p. 69-70).

Reforçamos, no entanto, que, na referenciação, está em jogo muito mais do que um processo de identificação. Trata-se um processo no qual sujeitos constroem e negociam sentidos, criam objetos de discurso, fazem uso criativo da linguagem a partir de recategorizações com os mais diversos objetivos nos jogos de linguagem do qual fazem parte.

Nas duas tirinhas analisadas na seção anterior, observamos o processo cognitivo, social, histórico, político e cultural de agir na linguagem. Percebemos que, embora sejam um importante instrumento de registro de enquadramentos desse processo complexo, os verbetes de dicionário não abarcam as inúmeras significações que podem surgir com o uso sociocriativo das palavras. É importante ressaltar a propriedade social da criatividade porque os significados não surgem por imposição, mas são motivados por uma construção social que só se dá por meio da interação, da negociação de sentido, nos jogos de linguagem.

Conforme pudemos constatar, as palavras “máscara” e “rebanho” ganharam novas acepções com as interações provocadas em momento de pandemia. Como ficou saliente com a análise, o que inicialmente era um problema de saúde pública tornou-se um problema político e social que se construiu (e se constrói ainda) na linguagem, e por meio dela registramos o quanto estamos divididos ideologicamente. Tal divisão não é somente política e ideológica, mas também linguística, porque é na linguagem que formamos posicionamentos que (mais do que etiquetas usadas para rotular pessoas como apoiadoras, negacionistas, “rebanho”) se configuram como ações, as quais, dentre várias consequências, contribuem para alimentar a lista de vidas perdidas por um vírus que não é apenas um ser biológico, mas também político, social e que entra para história mundial, em especial no contexto brasileiro, por ter sido provocador de

uma pandemia conduzida, no Brasil, por um líder que age e decide em desacordo com a ciência.

Acreditamos que este trabalho explicita as teias que existem entre o pensamento filosófico de Wittgenstein sobre língua(gem) e os estudos de referenciação, já que encontramos confluência entre os pensamentos desse filósofo, por meio do olhar de Martins (2000), e os postulados dos linguistas Marcuschi (2000 e 2007) e Mondada e Dubois (2013). Além disso, apontamos como a visão não representacionista e os jogos de linguagem podem ser observados no viver na linguagem. Entendemos que essa proposta pode amadurecer, agregar conhecimento e inspirar outras reflexões.

## REFERÊNCIAS

- BEAUGRANDE, R. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society*. Norwood: Ablex, 1997.
- COSTA, M. H. A. *Acessibilidade dos referentes: um convite à reflexão*. 2007. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6108>. Acesso em 13 mar. 2020.
- MARCUSCHI, L. A. Quando a referência é uma inferência. In: ANAIS DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 2000, São Paulo. Anais eletrônicos...São Paulo: Fundação de Ensino Eurípedes Soares da Rocha, 2000. p.1-31. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/GEL\\_XXX/ART113.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/GEL_XXX/ART113.pdf). Acesso em: 09 nov. 2021.
- MARCUSCHI, L. A. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização. In: MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas sociais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MARTINS, H. Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein. *Veredas, revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 19-42, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25320>. Acesso em 13 Mar. 2022.
- MATURANA, H.; VARELA, F. *A Árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: Psy II, 1995.
- MONDADA, L.; DUBOIS D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.) *Referenciação. Clássicos da Linguística*. v.1. São Paulo: Contexto, p. 17-52, 2003.
- NASCIMENTO, F. P. Classificação da Pesquisa: natureza, método ou abordagem metodológica, objetivos e procedimentos. In: *Metodologia da Pesquisa Científica: teoria e prática – como elaborar TCC*. Brasília: Thesaurus, 2016.
- SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas: revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25354>. Acesso em 13 Mar. 2022.